

An(a)toologias

(re)descobrimo o eu



Por: Ana

Santos, Victória Karine Mattos dos.

An(a)tologias (re)descobrimo o eu [recurso eletrônico] / Victória Karine Mattos dos Santos. – São Luís, 2024.

62f il:

Produto Educacional da Dissertação: “Escrevivência, interseccionalidade e ensino de história na obra de Conceição Evaristo”.

Disponível em: <https://ppghist.uema.br/publicacoes/dissertacoes-2/dissertacoes-2/>

Orientação da Profa. Dra. Márcia Milena Galdez Ferreira.

Querido leitor,

É um prazer tê-lo como visitante deste pequeno compilado de contos, esperamos que a leitura o agrade!

Este livro faz parte de um trabalho de conclusão de curso de mestrado em História, e recomendamos principalmente a você, professor, e a toda comunidade interessada, que visualize também a nossa dissertação, que conversa com este livro e fornece um material de apoio para se debater algumas personagens importantes na literatura de Conceição Evaristo, a partir dos conceitos escolhidos tanto para analisar as obras da autora, quanto para nortear os assuntos que abordaremos neste livro. Recomendamos especialmente a leitura do segundo capítulo, dedicado a dissertar acerca dessas personagens supracitadas, mulheres negras que saíram da mente poética de Evaristo, mas que conversam diretamente com vivências do nosso mundo atual.

Você pode encontrar o arquivo no site do PPGHIST/UEMA: <https://ppghist.uema.br/publicacoes/dissertacoes-2/dissertacoes-2/>

Nossa escrivência, presente nos contos a seguir, assim como a de Conceição Evaristo, não são nem verdade, nem mentira, apenas memórias (re)inventadas, perpetuadas por meio das palavras.

Após o último conto, há um encontro especial, em estilo mangá. Nessa ocasião, vá até a última página do livro para iniciar essa pequena jornada. A leitura, como manda o estilo mangá, deve ser feita da direita para esquerda.

Desejamos uma boa leitura.

Victória e Ana

SUMÁRIO

- I - Surpresa café com leite ... p.4
- II - Uma força da natureza ... p 8
- III - A dor do crescimento ... p 13
- IV - Alegria ... p 20
- V - Olhos espelhados ... p 29
- VI - Encontros inusitados ... p 33
- VII - Escrever ... p 42
- VIII - (re) Descobrindo o “eu” ... p 48
- (Único) - Um encontro inusitado ...p 61

I – Surpresa café com leite

Ana era uma garotinha cheia de surpresas.

Quando nascera, sua mãe de longe a viu e pensou: herdou a pele escura do pai! Mas ao receber o bebê recém-nascido após os cuidados das enfermeiras, desconfiou. Devolveram-lhe uma criança de tez clara e rosadinha, parecia até ter sido trocada, mas o pai que acompanhou a filha com as lentes da sua câmera digital garantiu que não, que a menina nasceu roxinha, mas era normal de recém-nascido que não via a hora de vir ao mundo, e agora estava lá, serena e branca nos braços da mãe.

Ana foi um bebê bonito, muito bonito. Não demorou muito para a pele dela mudar. Tal qual um pão sendo assado no forno, a menina foi dourando. Um bebê dourado, gordinho, alegre e com quase nada de cabelo. Já ia fazer um ano e nada desse cabelo crescer! E os dentes? Nessa idade, já havia ao menos de começar a coçar a gengiva. Nada até agora. Mas todo mundo tem o seu tempo, e o tempo de Ana veio após ela completar seu primeiro aninho. Não demorou muito para nascer logo quatro dentes de uma vez e começarem a vislumbrar um ensaio do que seria um cabelo encaracolado que insistia em não mais ficar facilmente de ladinho na cabeça, mas sim em seu próprio furacão.

E assim cresceu a menina Ana. Bonita, amada e cheia de surpresas.

As visões de mundo de uma criança em seus primeiros anos de formação são sempre instigantes, engraçadas ou até desconfortáveis para os adultos. Com Ana e sua família não foi diferente. Ela aprendia, conhecia e

perguntava coisas novas todos os dias. Perguntava muito, inclusive, e criava hipóteses sobre tudo o que via, formando a sua própria cosmogonia. Nela, os dias de chuva aconteciam quando Deus e os anjos decidiam lavar o chão do céu, e os trovões eram os barulhos de quando eles arrastavam os móveis. Deveria ser divertido, ela sempre se divertia quando era dia de lavar o terraço com a mãe e podia brincar com o chão ensaboado.

Ana também tinha um pensamento interessante sobre o nascimento. Certo dia, perguntou a seu pai:

— Pai, que horas o senhor nasceu?

— Não sei, filha, acho que foi à noite...

— O senhor deve ter nascido às dez da noite! Por isso, o senhor é negro. A mamãe deve ter nascido de manhã, porque ela é mais clara, e eu... devo ter nascido ao entardecer, porque eu não sou nem muito clara, nem muito escura!

Uma construção de pensamento deveras interessante, se me permite dizer, caro leitor. Uma percepção tão pura e genuína que só poderia sair da mente de uma criança, e foi assim também que ela começou a perceber quem ela era no mundo: uma menina seis da manhã ou seis da tarde, temperada, café com leite. Quando brincava com seus amigos na rua, poucos anos mais velhos que ela, sempre ouvia:

— Cuidado com a Ana, ela é café com leite!

Ela olhou bem para si, seus braços, suas pernas. Observou a pele que a cobria e concluiu: de fato ela era café com leite! A cor era igualzinha, mas o que tinha isso a ver com o fato de precisarem ter cuidado com ela durante a brincadeira de pega-pega? Esse questionamento a acompanhou por um

longo tempo. Pelo menos, descobrira a que grupo pertencia: era a menina cor de café com leite e até gostava disso.

Só anos depois, já amadurecida, que fora descobrir que a expressão nada havia de relação com a sua cor, mas sim era um indicativo de que era mais nova e inexperiente na brincadeira, portanto as crianças maiores se preocupavam em inseri-la no modo leve da atividade. Hoje, esse pensamento arranca uma risadinha sincera de Ana. Foi ali o início da jornada da menina de se perceber e se encontrar na vastidão do mundo.

Ainda lhe apareceriam muitos dilemas e dúvidas pela frente, entretanto, por enquanto, ela era a Aninha, café com leite, de cabelo enroladinho, e estava feliz e satisfeita com isso.

II - Uma força da natureza

Ana se olhou no espelho mais uma vez, antes de pegar sua mochila de rodinhas e ir para a escola. Estava animada naquela manhã. No dia anterior, sua mãe havia lavado seus cabelos e os trançado completamente. Agora, a menina ostentava inúmeras trancinhas no lugar dos cachos costumeiros, o cabelo comprido caindo sobre os ombros que pulavam junto a todo o corpo saltitante a caminho do colégio.

Geralmente, seu cabelo ficava quase que permanentemente preso em tranças, rabos de cavalo e outros penteados que a sua mãe fazia com esmero. Por isso, aquele era o penteado favorito da garota, porque permitia que seu cabelo ficasse “solto”. O melhor de tudo era que durava cerca de uma semana. Se pudesse, ficaria assim ainda mais tempo, mas uma semana já era bom.

Seria a primeira vez que Ana usaria as tranças na escola. Geralmente, a mãe fazia o penteado quando a menina passava vários dias visitando parentes durante as férias. Estava ansiosa

para mostrar pela primeira vez o visual do seu cabelo “solto” para os colegas e professoras.

Seus lábios se partiram num sorriso que mostrava um dente em crescimento quando a pequena adentrou os portões da escola e o porteiro arregalou os olhos enquanto elogiava o cabelo diferente dela.

Foi direto para a sala, torcendo para que alguns dos seus amigos já estivessem lá. E de fato havia alguns meninos brincando na parte de trás e duas de suas colegas conversando em suas carteiras vizinhas. Colocou a mochila em cima da carteira onde costumava se sentar, perto da dupla, que também arregalou os olhos por alguns segundos ao visualizarem Ana pela primeira vez, e as cumprimentou com o mesmo sorriso que ostentava desde que a mãe trançou seu cabelo.

As meninas, sorrindo também, elogiaram a amiga e passaram a enchê-la das perguntas que Ana passaria o dia respondendo, de colegas e professores. “Era o seu cabelo mesmo?” “Doeu para fazer?” “Quanto tempo demorou para terminar?” “Ela conseguia dormir assim?” “Dava pra lavar?”

Ana estava se sentindo bonita, e não achava a atenção ruim, pelo contrário, apesar de algumas chateações, na verdade, ela estava amando tudo. Em determinado momento, no meio da aula, o Marcos, que se sentava atrás dela, pegou um punhado de tranças

com cada mão e as jogou para cima, dizendo que a menina parecia aquele monstro da mulher com o cabelo cheio de cobras. O Pedro, do outro lado, concordou:

— A Ana é a Medusa! Cuidado! Não olhem para ela!

E foi um desespero na turma, logo controlado pela professora de português. Ana não entendeu muito bem se aquilo era bom ou ruim, mas riu de qualquer modo.

Não durou muito tempo, logo a menina sentiu Marcos novamente pegando em suas tranças, uma de cada lado, balançando enquanto fazia um som estranho com a boca, que parecia o barulho que os cavalos faziam com os seus cascos. Ela tentou virar a cabeça, mas o menino puxou o cabelo em repreensão, como se fossem rédeas. Antes que a própria Ana percebesse a maldade, além da dor, a professora interveio e trocou o aluno de lugar, com a promessa de que no próximo deslize ela o mandaria para a diretoria, deixando uma Ana zangada pela dor e confusa com as ações do menino que geralmente nem sequer falava com ela.

Mais uma vez, Ana se encontrava em frente ao espelho. Seu cabelo estava solto, sua mãe a havia comprado uma tiara nova, era seu aniversário. Quinze anos, e já estava na sua segunda semana no Ensino Médio. Finalmente! Como se essa simples alteração de ciclo trouxesse a todos um ar de mudança profunda, a turma de

Ana se encontrava em êxtase pelas experiências que os aguardavam no último segmento escolar. A menina não se encontrava diferente, e soltar os cabelos compridos e bem cacheadinhos era o primeiro passo da nova fase, um passo que ela esperava que virasse uma caminhada constante, pois sempre tivera vontade de libertar os fios.

Os cachos longos inchavam ao longo do dia, ela sabia disso. Molhado, o peso da água se encarregava de manter o cabelo alinhado; seco, o cabelo perdia comprimento e ganhava muito, muito volume. Contudo, ela estava determinada. Não importava o que dissessem, as piadas ou referências sobre quem ela parecia, ela queria estar de cabelo solto e se sentir bem com isso, porque estava fazendo aquilo que sempre quis.

Por muito tempo, Ana vivia com receio do que as pessoas pensariam dela, sobre seu comportamento, suas notas, sua aparência. Ela vivia de querer agradar os demais, em vez de se agradar. Sabia mais do querer dos outros do que o seu. Por um longo tempo da sua curta vida, Ana não se preocupou em estar feliz consigo mesma, mas ficar feliz através dos resultados: ouvir que não dava trabalho, receber os parabéns pelo bom desempenho, obedecer ao querer de quem gostava. Não tinha nem sequer muito interesse em escolher suas próprias roupas, desde que fossem confortáveis.

Dessa vez, Ana teve coragem o suficiente para realizar um dos poucos quereres que ela tinha ciência, um querer muito antigo, desde a infância. Deixaria o cabelo solto, livre, aprenderia a amar a sua rebeldia e a cuidar dele.

Esperava, a partir desse dia, se sentir livre, aos poucos conseguir amar a ela mesma, aceitar seus “defeitos” e encontrar beleza em quem era, para que pudesse cuidar de si.

III - A dor do crescimento

Quando Ana ainda era apenas uma criança, a sua princesa favorita era a Cinderela.

Ela amava os olhos azuis e o cabelo loiro num coque volumoso da personagem, será que a sua mãe conseguiria fazer um penteado daqueles nela? De qualquer modo, era diferente demais da Cinderela, talvez por isso ela fosse uma princesa e Ana não, seria preciso reprogramar e mudar os horizontes.

Agora, já crescida, a menina não pensava mais nessas coisas. Não, no auge dos seus 12 anos, ela já tinha percebido que fadas madrinhas não existiam e que ser uma princesa com vestido volumoso talvez não fosse tão legal ou confortável assim. Em outras palavras, ela havia desistido.

Mas a ideia de que um príncipe se apaixonasse por ela não era tão ruim assim. Principalmente se o príncipe em questão fosse ele. O menino bonito da sala ao lado, ele tinha um cabelo bem lisinho, e a sua tia sempre lhe dizia que deveria procurar se casar com alguém que tivesse o cabelo liso, para que os filhos não nascessem com o cabelo ruim como o dela. Daqui a uns anos, por que não?

Sim, o insetinho do amor havia picado a nossa pequena grande heroína. Os sintomas eram graves: o coração acelerava toda vez que o garoto da sala ao lado aparecia no campo de visão dela — e por coincidência, ele parecia estar em todos os lugares, e mais especificamente na mente dela —, ela suspirava ao falar o nome dele e o pior de todos... era só o garoto falar com ela que o pânico a dominava, quase não conseguia respondê-lo. Era a primeira vez que aquilo acontecia.

Então, isso era estar apaixonada?

Ana se sentia agoniada. Marina, sua amiga e maior confidente, também já estava impaciente. Aninha agora só sabia falar do garoto da turma B. Isso era muito chato.

Marina tentava incentivar a amiga a falar de uma vez para o menino o que ela achava dele, em vez de ficar apenas remoendo o assunto pelos corredores da escola. Ana não queria, era muito tímida e pouco confiante, mas, com a insistência e apoio da companheira, decidiu que se declararia através de uma carta, que a outra levaria até o príncipe da turma B.

No outro dia, as cúmplices chegaram cedo para emboscar o garoto logo na entrada da escola. Assim que ele chegou, Marina saiu e entregou a carta. Ana não quis nem estar por perto para ver.

Pouco tempo depois, o menino bonito apareceu no campo de visão da apaixonada; nas mãos, um papel preenchido com caneta roxa. A carta. Ele colocou a folha em cima da carteira da menina e disse.

— Eu não gosto de você, você fica esquisita quando sorri, e está sempre de cabelo preso, eu acho feio!

E foi embora.

Ana passou a fugir de vergonha do garoto desde então, e foi um alívio quando, no ano seguinte, ela descobriu que ele havia mudado de escola. Uma coisa, entretanto, não mudou, ela continuou fugindo incessantemente. Não queria nunca mais na vida se apaixonar. Passou, então, a fugir do amor.

É difícil fugir de um perseguidor tão traiçoeiro, o insetinho do amor é resistente e insistente, e a nossa heroína não conseguiu escapar ilesa.

O problema de Ana era que ela sentia demais. E uma das coisas que ela mais sentia era medo, medo de sentir, inclusive. Mas como boa medrosa, ela era boa fugitiva e péssima lutadora, por isso, quando o maldito inseto preenchia a menina com sua potente toxina, ela sofria.

Nesses anos que se passaram, a menina-mulher tinha aprendido a sofrer em silêncio e a gostar disso. Era como se a dor

a fizesse se sentir viva, então ela passou a lidar com a paixão dessa forma: era algo para ela, só para ela, portanto, não deveria jamais chegar ao alvo de seus sentimentos. Pelo contrário: quanto mais longe, melhor, assim ela poderia agonizar em segurança.

Ela via as pessoas ao seu redor se apaixonando também, começando e terminando relacionamentos, mas não era esse o seu caso: Ana só se permitia sentir, nada mais. Certa vez, um amigo se tornou alvo do seu bem-querer, ele ostentava madeixas lisas como pedia o requisito e um sorriso bonito do jeito que Ana não tinha. Ninguém sabia, só Marina — como sempre —, e ela jamais contaria. Encorajada pela sempre parceira, Ana até chegou a pensar que talvez dessa vez seria diferente, porém, de novo, preferiu não arriscar.

Na outra semana, o menino chegou à escola dizendo às meninas que pediria a Bia em namoro. Bia era branca, magra, loira e proporcional, só não tinha os olhos azuis da Cinderela, mas sem dúvidas parecia uma princesa. Ela era tudo o que Ana não era. Ainda bem que ela não dissera nada sobre o que sentia, em vez disso, sorriu, de boca fechada, e desejou sorte ao apaixonado.

Marina e Ana se olharam, numa conversa silenciosa: a primeira quase que com pena; a segunda, firme e triste. Mais tarde, sozinha, ela se permitiria aproveitar a dor do coração partido.

No último ano do Ensino Médio, Ana finalmente sentia-se curada, imune ao tal inseto, finalmente. Era como estar sempre bem, algo que a menina achava desconfortável. Sem dor, era como não estar viva, mas, naquele momento, estar viva não era uma preocupação: a única coisa que lhe importava eram os estudos para o vestibular. Este sim era um caso de vida ou morte, precisava decidir e precisava passar, não tinha tempo a perder.

Ela não dormia bem e havia ganhado um pouco mais de sobrepeso também, isso a incomodava um pouco, mas também não tinha tempo para lidar com isso. Era mais fácil simplesmente ignorar todos os espelhos. Já sabia que era feia. De todo o modo, não deveria e não podia lutar uma batalha perdida.

Por isso que, quando um rapaz bonito que sempre estava cercado de amigos e amigas perguntou se ela não queria fazer o trabalho de química com ele, já que eram vizinhos de carteira, a adolescente estranhou. Olhou para os lados, suas duas amigas da turma haviam formado uma dupla, o que significava que ela estava sem muitas opções... então, ela aceitou.

Foi muito divertido, ela não esperava que ele realmente ajudasse. Sabia que o garoto era bom na matéria, mas não conseguia ver outro motivo pelo qual ele pediria para que ela fosse sua parceira no trabalho. Eles conversaram, riram e ganharam uma chamada de atenção da professora por isso.

No outro dia, no final da aula, o rapaz bonito e simpático se separou dos seus amigos e foi falar com ela. As festividades juninas se aproximavam, e ele perguntou animadamente se ela gostaria de ir com ele. Só podia ser piada. Ou uma aposta. Ou os dois. Claro, aquele protótipo de homem, com tantas meninas bonitas ao seu redor, jamais poderia estar interessado nela.

— Não. — E com esse golpe rápido e certo, Ana fugia mais uma vez, deixando um rapaz que ela jamais soube que realmente gostava dela.

Diferente foi quando um outro rapaz passou a olhá-la nos corredores da escola, já no final do ano letivo. Os vestibulares haviam passado e agora ela se preparava para as provas finais. Primeiro, Ana se perguntou se não era coisa de sua cabeça, se realmente ele olhava para ela. O garoto atendia o quesito costumeiro, mas a menina não gostava dele. Pelo menos, ele era alguém legal, por isso permitiu a aproximação.

Ela não sentia nada, nenhuma mísera borboleta no estômago, também não achava o adolescente quase adulto atraente. Nada. E talvez fosse exatamente por isso que ela se sentiu segura, sem apostas ou piada cruel, sem sofrimento, sem amor. O rapaz foi direto ao ponto: pediu a Ana um beijo.

Ela aceitou, porque queria saber como era. Não sentiu nada, mas ao mesmo tempo ficou satisfeita.

Não cabia a ela viver o amor, só sofrer por ele. E ela sabia disso.

IV - Alegria

Ana foi à escola a contragosto naquele dia. Era uma terça-feira comum, mas a menina acordara sem ânimo algum. Se pudesse, passaria o dia escondida do mundo sob a impenetrável e segura a camada fina do seu lençol. Entretanto, a sua mãe jamais permitiria a falta, e a própria Ana odiava perder aulas. Então, ignorou aquele peso estranho no coração e foi se arrumar.

Olhou com incômodo para o céu azul, que parecia ainda mais claro que o normal. Parecia, aos olhos da menina, uma vista bela e desconfortável.

Suspirou. Não queria pensar daquele jeito. Um dia lindo como aquele era sinônimo de satisfação para as pessoas, ao contrário da melancolia do céu nublado. Deveria ser um pouco mais otimista e apreciar as pequenas-grandes coisas da vida, como fazia seu tio Joaquim, o tio Joquinha. Não havia ninguém no mundo que amasse viver a vida tanto quanto ele.

Ana chegou na escola ao som da batida do início do primeiro horário. Hoje não teria nem tempo de papear com seus colegas.

Correu para a sala antes que a professora de geografia chegasse primeiro, ela era brava, e Ana definitivamente não

gostaria de levar bronca, ainda mais num dia tão angustiantemente lindo como aquele.

As aulas hoje estavam chatas. Geografia não era uma das suas melhores matérias, mas os dois horários de Matemática pareceram que se arrastaram por uma eternidade, e a menina não conseguia de forma alguma se concentrar. Depois teria que pedir ajuda para entender a matéria, tinha certeza. Tomara que Marina tivesse entendido tudo.

Agora, as duas estavam sentadas displicentemente na rampa que levava à quadra da escola, aproveitando os minutos finais do recreio. A sensação ruim foi esquecida junto com o conteúdo das aulas anteriores, dando lugar para Ana imaginar com arrepios as cenas do filme de terror que Marina tinha assistido ontem, ela realmente não entendia como a amiga poderia gostar de assistir essas coisas, a própria Ana sequer era de assistir filmes, ainda mais algo que desse medo, não, não mesmo! Era medrosa, sim, e com orgulho.

Ela tinha de fato muitos medos, principalmente da morte. Lembrou disso quando a secretária, com um rosto muito sério, interrompeu o relato de Marina para dizer que Ana devia recolher seu material e ir à portaria, onde a sua mãe estava lhe esperando.

Chegando lá, a senhora abraçou a filha com força, dizendo que Tio Joquinha havia passado mal e estava no hospital, pedindo para que quem pudesse, fosse lhe ver. Era alguma coisa no coração.

Foram caladas no ônibus, num silêncio ensurdecador. No início da viagem, Ana tentou fazer perguntas à mãe, sobre o que havia acontecido, como ele estava, quem iria ao hospital, se ele ficaria bem. A mãe, nervosa, disse que não sabia de muita coisa, e pediu que a menina tivesse calma, que entenderiam melhor quando chegasse lá, que enquanto isso, fizesse uma oração.

Ana orou olhando pro céu bonito, lembrou do quanto o tio amava dias assim, e o quão ele amava viver. O que poderia ter no coração de Joquinha, além de amor e vida? Ele era professor, dava aula de música, às vezes do nada, quando a menina ia passar as tardes na casa dele, vizinha a sua, ele pegava seu violão e inventava músicas engraçadas enquanto a menina tentava se concentrar na lição.

Pensou na alegria de Joquinha e no medo que estava sentindo. Não, a morte não alcançaria alguém tão cheio de vida.

Ana nunca, jamais havia experimentado a morte de verdade. Ela nunca perdera alguém que amava. Os anciãos da família estavam todos firmes e fortes, e até o único cachorro que já tivera na vida não tinha morrido, pelo menos não que ela soubesse. Toby fugiu de casa depois de um ano e nunca mais voltara, ela só

esperava que o vira-lata tivesse encontrado uma casa ainda melhor.

Por isso ela tinha tanto medo, achava a morte algo muito, muito triste. Ana, às vezes, se sentia triste. Marina, uma vez, chegou a dizer que ela parecia ser naturalmente assim. Então, talvez, Ana tivesse medo da morte e da própria tristeza.

O sacolejar do ônibus velho acompanhava a turbulência dos pensamentos da menina. Imaginou o coração do tio Joquinha, cheio de amor, doente. Pensou no seu próprio coração, cheio de juventude, incertezas, e agora, medo, sentia-se doente também. Visualizou ela mesma em um leito de hospital, cheia de fios grudados no corpo, um monitor indicando seus batimentos cardíacos, sua família ao redor, enquanto ela dizia suas palavras finais.

Chegaram ao hospital, onde encontraram logo um aglomerado de mulheres na recepção da emergência médica. Lá estavam vovó Iva, Tia Néia, Tia Luísa, e Tia Jô. Lá dentro, Nanda, sua prima mais velha, acompanhava o tio em um exame. Os médicos suspeitavam que ele estava infartando, a pressão arterial estava altíssima. O trabalho deveria ser difícil para um coração tão cheio.

As mulheres conversaram enquanto Ana observava e esperava, até que no final do corredor, avistaram Nanda e seu tio vindo ao seu encontro.

A cadeira de rodas fazia um som agudíssimo, parecia que cortava o piso enquanto passava, feria o chão, os ouvidos e o coração de Ana. Lentamente, Nanda se aproximou do grupo de mulheres apreensivas e da temerosa Ana, na cadeira de rodas, Joaquim respirava com certo pesar. Os olhos passando pelos rostos tão queridos, até chegar na menina Ana. Ele tentou dar um sorriso, que pareceu um pouco estranho, e ela tentou retribuir, mas temia que tivesse saído mais estranho ainda.

O medo ainda estava lá, mas ela tentou fazer com que ele fosse para longe da sua mente. “Tudo ficaria bem”, ela pensou.

A prima explicou que ele quase infartou, que os enfermeiros lhe deram alguns medicamentos, que ele precisaria ficar internado por alguns dias, pois faria um procedimento no dia seguinte para desentupir a veia. No final das contas, o coração estava bem, sim, o problema eram as veias, concluiu Ana. No coração de Joquinha só havia alegria e amor.

Tia Néia deu-lhe um beijo na testa. Falou que daria tudo certo e que voltaria para vê-lo no dia seguinte, no hospital para onde seria levado. Lá onde estavam não havia leito nem os equipamentos necessários. Joquinha a respondeu, fraco, mas

lúcido, muito lúcido, que não precisava se preocupar, que ela e vovó Iva já estavam com idade avançada. Joaquim era filho de Néia, que era irmã de Iva, avó de Ana. Ambas eram mães solo, dividiam histórias e compartilhavam os filhos. Nos momentos difíceis, todo mundo se ajudava. Era assim até hoje e seria assim para sempre.

Tio Joquinha agradeceu a presença de todas. Falou que achou que fosse morrer, e pediu a Deus a chance de não ir sem falar aos seus entes queridos o quanto o amava. Baixinho, agradeceu a mãe e a tia pelos cuidados, e pediu a sua irmã Jô e a Nanda que cuidassem das mais idosas. A mãe de Ana, apesar de serem primos, ele chamou de irmã, pois eles eram assim um para o outro: como irmãos. Disse que confiava nela para ajudar a todos que seguissem em frente, e Ana viu uma cena raríssima: sua mãe derramava lágrimas voluptuosas, enquanto ela mesma tentava segurar as suas. Por que o tio Joaquim estava dizendo aquelas coisas? Ele estava bem, faria o procedimento e logo iria pra casa.

Então, ele estendeu os dedos em direção a Ana, que logo segurou a mão do tio. Ele olhou nos seus olhos e disse que, caso ele se fosse, que ela não ficasse triste, mas que herdasse o violão dele, e não deixasse a diversão morrer. Ana lembrou das curtas composições que o tio inventava para fazer graça. Uma delas ficou em sua memória.

“Ana, Ana, Ana, Aninha

Nariz de chapola

Cachos de rainha”

Ana não fazia ideia do que significava “chapola”, mas ela sabia que seu nariz não era bonito, então imaginava que não fosse algo positivo, mesmo assim, ela ria. O tio tinha um humor ácido, mas a amava de verdade.

Quando o homem seguiu para a UTI, as mulheres rumaram para suas casas. Nanda ficou para cuidar do tio, elas haviam permitido que apenas uma pessoa entrasse com ele. Ana matutava com o que ele dissera para elas, a fala soava como uma despedida, e aquilo a deixou com o coração tão apertado que chegou a doer.

Será que o coração de tio Joquinha também doía naquele momento?

Ana estava com medo, mas tentava repetir mentalmente que tudo ficaria bem, ela havia de se convencer disso. Ele pediu a ela que não deixasse a alegria morrer, precisava pensar positivo, amanhã seria um novo dia, ela acordaria para ir para a escola, seria mais uma manhã de céu azul, e dessa vez ela se alegraria com o dia iluminado, encontraria seus amigos, teria aula de Ciências - sua matéria favorita, Joquinha faria seu procedimento e logo menos voltaria para casa. “Vai ficar tudo bem”, pensou novamente.

E de fato, a manhã seguinte trouxe consigo um dia lindo, mais lindo que o anterior, estava quente e iluminado. Ana observava as árvores com folhas tão verdinhas ao longo do caminho que percorria, as flores coloridas, algumas de tons suaves, outras em tons vibrantes, davam ao lugar um aspecto quase que feliz, mas certamente poético. Ela nunca pensou que estaria num lugar como aquele, na verdade, ela evitava pensar no assunto. Ana sempre achou que, apesar de às vezes parecer que tinha medo da vida, tinha muito medo mesmo da morte, mas quando, na noite anterior, Nanda ligou para a sua mãe avisando da partida súbita de Joquinha, a menina não sentiu medo algum, e sim uma tristeza inigualável. Seu amigo, quase pai, havia ido embora para sempre.

Há alguns anos, quando Ana possuía quatro ou cinco anos, seu pai saíra de casa. Dissera que precisava arrumar um emprego melhor, precisava de dinheiro, mas que manteria contato. Aquela foi a última vez que ela teve notícias do pai. Naquela época, ela era muito nova para entender tudo o que estava acontecendo, mas jamais esqueceu que assim que soube do acontecido, o tio Joaquim apareceu para levar ela e sua mãe para sua casa, não ficariam desamparadas, eles ajudariam um ao outro. Passaram quase um ano morando com Joquinha e Néia, até que sua mãe tivesse condições de pagar um aluguel novamente, dessa vez, perto da família que as acolheu no momento de crise.

Agora, um pouco mais entendida, Ana era muito grata, e considerava tio Joquinha uma figura quase paterna. Perdê-lo doeu como se tivesse sido abandonada pelo pai uma segunda vez. Entretanto, era necessário seguir, assim como ela seguia agora ao lado de sua família, rumo ao lugar onde o corpo do homem descansaria. Naquele momento, ela entendeu que a morte fazia parte da vida, e tio Joquinha amava viver.

Foi pensando nisso que Ana, ao voltar do enterro, o primeiro que vira na vida, correu direto para a casa de tia Néia. Viu a cama dele, ainda arrumada, e se permitiu deitar-se um pouco, na cama onde Joquinha antes costumava sonhar. Olhou o violão pendurado na parede, e dedilhou o instrumento pela primeira vez, não sabia tocar nenhuma nota sequer, mas aprenderia. Decidiu também que havia outra coisa para aprender.

Ela queria saber por que Joquinha gostava tanto do céu, por que sorria tanto, mesmo em dias difíceis? Por que ele gostava de lecionar música? E o que ela deveria fazer para ser tão alegre quando ele pediu que ela fosse? Entendeu que para obter essas respostas, ela deveria ter com o tio uma última lição:

A partir daquele dia, eu aprenderia o que havia de tão bom em viver.

V - Olhos espelhados

Eu nem sei por que dói tanto. Na verdade, nem sequer consigo saber onde dói. Seria a cabeça, por conta dos olhos irritados pelo choro? Ou os ombros, por sustentar o peso de tantos pensamentos? Ou o coração, que doía a ponto de sentir os seios inflamarem, ou os braços, que sentiam falta do abraço que não veio? Seriam, ainda, as costas ou as pernas que doíam e por isso o corpo não se via mais conseguindo se manter de pé? Tudo doía, cada músculo, ossos e tendões. Mas, apesar disso, eu sabia: não estava ali o problema. O corpo sentia, mas a ferida estava na alma.

A mente em desalento de Ana lhe pregava peças, sussurrava pensamentos, gritava por socorro. E o corpo acompanhava ao seu modo: sorria, brincava, seguia em frente. A mente berrava e a boca a calava em uma gargalhada mais alta ainda, quando um colega contava uma piada no meio da aula. A menina colhia, armazenava, escondia, somatizava o sofrimento até que ele lhe transbordasse pelos olhos, quando se via não apenas solitária, mas também sozinha no escuro secreto do seu quarto.

Ela não entendia. As coisas estavam como sempre. Por que andava tão triste? Por que seu corpo doía e seu peito parecia em brasa? Por que se sentia tão solitária após rir com seus amigos, e

por que não conseguia dormir, mesmo que passasse boa parte do dia com sono? Ela estava lá, existia, mas era como se não estivesse e não existisse de fato. Afinal, quem era *eu*? *Eu era alguém*?

Ana se olhou pelo espelho. Os olhos cheios d'água, mas firmes e curiosos, retribuíram o olhar avaliativo. Chegou mais perto, a mão tocando o rosto, auxiliando na perícia. Os dedos trilhavam por entre algumas marcas que possuía no rosto, vindas de cravos e espinhas que vez ou outra irrompiam em sua pele, assim como a melancolia aparecia quando o sol se punha.

Respirou fundo e enxugou qualquer ameaça molhada em seus olhos. Contemplou-se novamente. Os cabelos pareciam secos, por mais que cuidasse muito bem, e os olhos pequenos pareciam deixar o nariz ainda maior, assim como suas bochechas.

Geralmente, Ana apenas ignorava seu reflexo no espelho. Porém, havia dias como aquele, no qual a menina corajosamente se encontrava com seu próprio “eu”. E eu lhe encarava de volta. Não gostávamos do que víamos. A pele “café com leite” não parecia ter um tom muito atrativo; os cabelos enrolados, ressecados, inchados, estavam condenados à prisão perpétua, e aquele nariz grande não era nada charmoso. Definitivamente não era uma mulher bonita. Aliás... poderia se considerar uma mulher?

Ana não sorria graciosamente, estava sempre com a mão no rosto, por causa dos dentes separados e o nariz que ficava ainda

mais largo, e seus cabelos presos não lhe conferiam nenhuma graça. Achava seu corpo largo, e a gordura corporal piorava tudo. Não se sentia nem perto de ser mulher, porque não se sentia nem perto de ser bonita.

Nos últimos anos, via as meninas vivendo, comentando aos cochichos e risadinhas sobre a descoberta de seus primeiros, às vezes segundos, quintos amores. Os beijos, as palavras, os olhares. Não era à toa que nunca viveria algo assim. Quem despertaria qualquer encanto por uma garota tão desinteressante como ela? Já tinha dezessete e logo faria dezoito, será que algum dia saberia a sensação dos beijos, das palavras, dos olhares?

Os pensamentos se amontoavam e impregnavam a alma da garota. Estava só, no seu quarto e na vida, enclausurada pelo não viver e pelo medo de viver. Talvez fosse melhor assim, tanta tristeza poderia respingar em quem estivesse próximo, assim como transbordava pelos seus olhos.

Ela suspirou mais uma vez. Não queria se sentir assim, muito menos gostaria de viver na solidão. Lembrou-se da mãe lhe dando bom dia de manhã, em todos os dias que a menina precisava levantar cedo e ela o fazia junto, para preparar o café quentinho antes que a filha saísse de casa.

Lembrou-se do colo da avó e das histórias engraçadas que ela lhe contava; do seu tio e dos seus mimos; dos colegas de classe

com quem compartilhava boa parte do dia, e de Marina, com quem compartilhava confidências. Poderia se sentir solitária, mas precisava lembrar que, na verdade, nunca esteve.

Era amada, muito amada. Deveria, entretanto, aprender a *me* amar também.

VI – Encontros inusitados

Ana observou Agatha desfilar pelo corredor onde ficavam as salas do Ensino Médio. A garota estreava um cabelo novo, dessa vez, tranças longas e loiras balançavam conforme ela andava.

Ana já havia perdido as contas de quantos penteados e apliques diferentes ela já havia usado naquele ano, mas a menina achava um mais lindo que o outro.

Agatha era um ano mais velha, estava no terceiro ano, Ana estava no segundo. A mais nova lembrava claramente quando a outra chegara na escola: no meio do ano letivo passado, com a cabeça cheia de dreadlocks cor de rosa, parecia fios de algodão-doce, impossível de não ser notada. Além disso, ela era simplesmente linda, “parecia uma Barbie, só que negra”, Ana pensava, e não só ela: Agatha chamava atenção dos meninos de toda a escola, e nunca andava sozinha, sempre rodeada de amigas e amigos, um grupinho que Marina apelidou de “os descolados”.

Obviamente, Ana nunca havia trocado uma só palavra com Agatha e com ninguém do seu grupo, eles eram bonitos e populares, totalmente ao contrário dela. Tinha a filha do dono do maior comércio do bairro, as irmãs gêmeas da rua de cima, a única

casa do bairro onde tinha um poço, e todos iam comprar baldes de água lá nos dias de racionamento

Ana girou a torneira da pia do banheiro. Estava sem água, de novo, eles viviam tendo que remendar o cano que ficava ali perto, provavelmente o responsável por alimentar as pias, então não era tão incomum disso acontecer. Por sorte, havia um banheiro na área externa do ginásio da escola, onde ficava o pátio.

Saiu do banheiro e viu aliviada que o professor de educação física parecia bem entretido dividindo os times da atividade do dia, se ele a visse, com certeza não a deixaria sair, e Ana simplesmente não aguentaria ficar sem lavar as mãos, não depois do documentário sobre higiene que a professora havia passado na semana passada.

Andou rápido até o portão da quadra, que costumava ficar sempre aberto, e rumou até o outro banheiro. A área externa estava completamente vazia, Tia Nonô, dos serviços gerais, costumava enxotar todos os alunos de volta às suas salas quando os encontrava perambulando por aí, e quase ninguém escapava do seu radar.

Chegou ao banheiro e ligou a torneira. A água jorrou com um chiado. Que bom! Tinha até um pouco de detergente ao lado da pia, ainda!

Terminou de lavar as mãos e as sacudiu bem, estava prestes a se enxugar na farda, quando escutou um barulho vindo do final do banheiro. Ana fez silêncio para escutar melhor, o som que parecia com o de uma fungada se repetiu, dessa vez acompanhado de um soluço. Alguém estava chorando, será que era tia Nonô?

Ana ponderou por alguns segundos, ainda estática, se deveria ou não tentar falar com quem estivesse ali, por fim, decidiu que sim, quem sabe não pudesse ajudar de alguma forma? Para falar a verdade, Ana estava extremamente curiosa, também.

Ana se aproximou em passos lentos até a última cabine, que estava com a porta encostada, e empurrou de leve. Dentro do compartimento, para a surpresa dela, havia uma Agatha de olhos marejados e assustados lhe encarando, sentada no piso branco do chão limpo. Elas se encararam pelo que pareceu uma eternidade, os olhos semelhantes arregalados, parecendo que iriam saltar dos rostos jovens e, passada essa eternidade, Ana fez algo que nem ela acreditou.

Ela falou.

Perguntou à menina bonita e chorosa o que tinha acontecido, e, para a sua surpresa, ela também falou. Conversou com Ana como se já se conhecessem e fossem amigas.

Agatha contou que fizera uma descoberta muito triste: sua amiga mais próxima havia inventado coisas horríveis sobre ela! Ela mesma tinha ouvido a menina falando alto para outros colegas da turma, quando estava chegando na sala. Quando entrou, o assunto logo mudou, mas ela ouviu, sim! Percebeu que muitos passaram a olhá-la diferente a partir de então. Alguns olhares maliciosos, outros com cara de nojo, e ela jurou que a menina do 1B a viu com um olhar de... inveja?

Já rolava pela escola há alguns dias o boato de que Agatha foi pega seduzindo o professor de Química depois do horário das aulas, e por isso havia tirado uma nota tão boa no simulado que acontecera na semana passada. Ana ainda não tinha ouvido nada disso, geralmente quem a atualizava de tudo era Marina, mas a amiga tinha pegado uma gripe muito forte, e fazia mais de uma semana que não comparecia às aulas. Mesmo assim, ela ouvia Agatha em silêncio e em choque, que história terrível, essa! Se fosse ela, certamente não saberia o que fazer, morreria de vergonha, e a tal “amiga”? Que crueldade, mentir dessa forma para prejudicar alguém... mas por que será que ela havia feito tal coisa?

Agatha não sabia, ainda não tinha tido coragem de confrontar a outra menina. Mas aquele dia havia sido muito difícil, pois era a aula do dito professor que, alheio aos boatos, não entendia os comentários de duplo sentido dos seus colegas de classe.

Com os olhos cheios de lágrima, a mais velha contou a Ana a sua história. Tinha vindo transferida no meio do ano passado para aquela escola, pois na escola anterior, um outro professor havia de fato tentado arrancar um beijo dela, quando pediu que a menina o ajudasse a levar os materiais da aula de volta para a sala dos professores. Ela, com medo, gritou, chamando a atenção daqueles que estavam por perto.

Aquele era um professor muito querido, e um dos mais antigos da instituição. A diretora acreditou em Agatha, mas não fez nada a respeito, no fundo, ela sabia o que aquele homem fazia, mas preferia não se envolver. Já os alunos, muitos ficaram contra a menina, alegando que ela estava mentindo, e que ela que devia ter tentado seduzir o professor, em busca de pontos.

Por que essas pessoas tinham tantas desconfianças assim das capacidades de Agatha? Era tão difícil aceitar que suas boas notas eram mérito dela? Ela sempre foi uma boa aluna, gostava, principalmente, das matérias de cálculo.

Sua mãe, felizmente, acreditou nela também, e a protegeu. Ela era dona de um dos melhores salões do bairro, e Ana sabia que era ela também que fazia os belos e inúmeros cabelos da filha. Ana sempre quis ir lá um dia, mas o dinheiro nunca sobrava, e acabava que sua própria mãe se encarregava de aparar as pontas dos seus cachos.

E foi assim que Agatha fez suas últimas avaliações diretamente de casa, e, depois das férias, foi transferida para a escola onde estudavam. Quanto ao professor assediador, ela não sabe o que aconteceu, não tinha mais amigos da outra instituição, e aquele assunto era praticamente proibido em sua casa, por isso, ela decidiu apenas esquecer e seguir em frente, até aquele dia.

Ana escutava tudo com muita atenção, e por algum momento, sentiu que ela e Agatha tinham mais em comum do que ela imaginava. Jamais pensou que a mais velha, tão popular e risonha, se sentia tão sozinha e tivesse passado por tanta coisa. Ana não tinha muitos amigos, mas pelo menos sabia que podia confiar nos que possuía, principalmente em Marina, que conhecia desde o jardim de infância.

Mesmo assim, a menina sabia o que era se sentir só em meio as pessoas ao redor, e como era o olhar dos outros quando viam que ela tinha se saído bem numa avaliação, aquela de expressão de “nossa, logo ELA?” deixava muito claro que ninguém esperava que ela se saísse bem. Ela só não entendia por quê. Talvez fosse porque ela nunca foi de falar muito, e costumava passar despercebida na turma de quase quarenta alunos, mas Agatha não, e, até então, Ana jurava que ela era amada por todos.

Quando Ana expôs esse pensamento a outra menina, ela sorriu, triste. Agatha comentou que quem dera assim fosse, mas

se desculpava pois, de fato, antes daquele dia, nunca sequer havia percebido a existência da outra menina pelos corredores da escola.

Foi uma conversa muito, muito profunda. Ana passou dias pensando nas coisas que Agatha disse, foi nessa ocasião que *eu entendi o ditado que dizia que “a grama do vizinho sempre parece mais verde”*.

Porém, Ana lamentava que a vida da outra não fosse de fato tão “verde” quanto ela pensava, ficou triste de saber que o corpo em amadurecimento era visto com um desejo tão maldoso. Geralmente, ela se sentia estranha por não ser cobiçada, suas colegas de classe, inclusive Marina, costumam receber declarações e até cartinhas de amor, mas Ana nunca soubera qual era a sensação disso, chegou à conclusão que talvez só fosse alguém desinteressante, mesmo. Mas com certeza receber tanta atenção não fosse tão bom quanto ela imaginava, no final do dia, Agatha se sentia tão solitária quanto ela, quem sabe até mais.

Quem sabe a menina bonita do terceiro ano até se culpasse por ser quem era, e acreditasse nas palavras dos seus antigos colegas: de que ela com certeza provocou o assédio que sofreu. Ana esperava que não. De todo modo, percebeu que ela, além de bonita, era forte e inteligente. No dia seguinte, Agatha procurou por Ana no intervalo, ela contou à colega que depois da conversa que tiveram, ela teve coragem o suficiente para confrontar a antiga

amiga, e descobriu que a menina havia feito tudo aquilo por ciúmes, pois o garoto que ela gostava lhe rejeitou, e assumiu que estava encantado por Agatha.

Agatha agradeceu a Ana pela escuta e acolhimento, mesmo que elas não fossem amigas antes. Falou que, naquele momento, ela deixou de se sentir sozinha. Ela também contou à sua mãe e a diretora da escola, e as mulheres marcaram uma reunião com os pais da outra menina no final daquele dia.

Com o tempo, o boato foi desmentido, mas Ana reparou que Agatha passou a ser um pouco mais reservada, e até seus cabelos passaram a ter cores mais neutras. Quando se encontravam pelos corredores, sorriam cúmplices, mas não firmaram de fato um contato, e, no final do ano, a menina mais velha estava finalmente formada.

Há dois ou três anos, eu saía do restaurante universitário enquanto procurava meu parceiro do trabalho de História da América Contemporânea, quando vislumbrei um sorriso conhecido. Agatha estava com seu cabelo natural, dessa vez, um black lindo, poderoso, que eu nunca tinha visto antes, ela possuía algumas luzes, era o cabelo mais bonito que já a vi ostentar. Ela caminhava pela entrada do RU de mãos dadas com uma amiga, e estavam sorrindo bastante.

Fiquei sabendo que ela estava prestes a se formar em Engenharia Mecânica, e era uma das melhores da turma. Eu espero que ela tenha encontrado naquela mulher que a acompanhava e em tantos outros que ela havia de conhecer, o amor e a amizade que eu e ela, na nossa adolescência, sonhávamos em experimentar.

VII – Escreviver

De todas as matérias, uma das coisas que Ana menos conseguia entender era o motivo de estudar tanta História. Ela achava todas as histórias das mitologias legais, ficou impressionada com o que aconteceu na Segunda Guerra Mundial e tudo o que aquele tal de Hitler fez. Mas não entendia por que precisava aprender tudo aquilo, todas aquelas datas, números e nomes. Decorar nunca foi o forte de ano, as aulas pareciam apenas uma poeira fina que ao menor vento de distração se dissipava.

Vi a importância em conhecer a língua portuguesa, a Geografia, a química e a física das coisas. Mas do que lhe servia saber sobre o rei fulano de tal da Inglaterra que nunca nem em sonhos visitou? Por que saber de um passado que não é o seu e sim tão, mas tão distante?

Com esse pensamento que a adolescente voltava para casa junto com a sua mãe, era dia de buscar o boletim do primeiro bimestre. Ela havia tirado boas notas em todas as provas, menos na tal disciplina.

Estava frustrada, não gostava de decepcionar a mãe, sabia que ela trabalhava duríssimo para garantir a elas um lar confortável e seguro, na medida do possível. Ana sabia que estudar era um

privilégio, já tinha visto muitos alunos da sua escola terem que abandoná-la, as vezes por viverem muito cansados de assumir muitas tarefas em casa, outros por terem que trabalhar para complementar a renda. Alguns largavam a escola por puro desinteresse, diziam que estudar não levava a lugar algum, que aquela vida não iria melhorar assim. Um desses ex-alunos, Ana lembrava, era o palhaço da turma, mas abandonou a escola para se tornar um soldado do tráfico.

Mesmo assim Ana acreditava fielmente que tempos melhores viriam se ela estudasse bastante. Era o que a sua mãe sempre lhe dizia, e era por isso que elas duas se dedicavam, cada uma do seu modo.

Sabia que a mulher estava sim um pouco decepcionada, mas ela não lhe dissera nada, a não ser:

Tenho certeza de que você se sairá melhor na próxima, filha.

E ela se esforçaria para honrar a confiança da mãe, mesmo que ela ainda não entendesse o motivo de precisar estudar aquilo tudo. Decoraria o que fosse necessário e revisaria na véspera para garantir uma boa nota.

No mês seguinte, perto do momento das avaliações, a professora de História anunciou que a nota mensal seria em conjunto com a disciplina de Língua Portuguesa, num trabalho

que valeria nota para ambas as matérias, a partir de uma oficina que as professoras ministrariam em conjunto, na semana seguinte.

Na oficina em questão, as professoras apresentaram a Ana e seus colegas uma palavra nova: “escrivência”. Elas explicaram que o termo era um neologismo, ou seja, uma palavra inventada, e quem criou o conceito foi uma escritora e professora de literatura muito importante, chamada Conceição Evaristo. Ela dizia que suas obras eram ao mesmo tempo inventadas e baseadas nas suas memórias, misturando verdade e ficção, escrevendo as suas próprias vivências e as vivências do seu povo, uma ideia que Ana gostou bastante.

A professora de História explicou que havia várias formas de se contar uma história, e que os livros didáticos era só um modelo mais formal que foi adotado pelas escolas. Porém, ela alertou que o que está no livro não representa toda a história do mundo, mas sim um recorte dela, que privilegia alguns povos e linhas temporais, mas acaba ignorando outros. Ela comentou que Conceição Evaristo também conta histórias, porém, de uma outra forma: por meio da literatura.

Ana ficou entusiasmadíssima com isso. Nunca tinha percebido como a arte também contava a história de um povo, que por meio da literatura, da pintura, da escultura, da música, também podia conhecer várias sociedades.

Já a professora de português falou que apesar de Conceição Evaristo criticar que a tal “História Oficial”, que não dava protagonismo aos negros e negras no Brasil, o trabalho dela era no sentido de complementar a outra área, escrevendo em forma de ficção as memórias que ela acreditava que deveriam ser lembradas.

Tudo aquilo fascinou muito a garota, que pensou em todas as memórias que possuía, tudo aquilo que havia aprendido durante todo o seu curto período de vida. Algumas coisas ela gostaria de guardar para sempre, e até mesmo espalhar para que outras pessoas soubessem também. Então, entendeu: o que a História faz, ou deveria fazer, era cuidar para que as memórias importantes de tudo aquilo que as pessoas já tinham aprendido e feito no mundo não fossem perdidas, mas sim que os saberes fossem acumulados pelas gerações futuras. Mesmo assim, Ana se sentia distante das memórias que estudava, mas, conforme as professoras apresentavam o livro *Becos da Memória*, da autora tema da oficina, a menina se sentia como se estivesse apenas ouvindo suas tias conversando na porta de casa, parecia tão... real.

Ali, ela entendeu a importância de se ter memórias, e de como a História precisava contar também sobre a vivência de pessoas como Conceição Evaristo, ou como a de Vó Iva, que mais esteve

na escola como funcionária da limpeza, do que de fato como estudante, e mesmo assim sabia de tanta, mas tanta coisa.

No final da grande aula, as professoras sortearam alguns exemplares do livro apresentado, e pela primeira vez na vida, Ana sentiu que teve sorte: foi uma das ganhadoras. Ficou muito feliz, ela queria muito conhecer mais sobre a tal menina Maria-Nova, de certo modo, se identificou muito com ela, pois assim como a menina, sabia que também era dada às histórias de sofrimento... mesmo assim, quis ler. Devorou o livro num dia só, de tarde até a madrugada, no final, chorou. Pensou em Negro Alírio e em como Maria-Nova tinha em Tio Totó algo parecido com o que tia com o tão amado Tio Joquinha, *ah, que saudades dele!*

Fez a redação e entregou para a professora de Português, o tema era “O que podemos aprender por meio da História e da Literatura?”. A menina ficou tentada em responder a folha com apenas uma palavra: tudo. Tudo poderia ser compreendido por meio dessas duas áreas, principalmente quando elas se encontravam. Mas fez um bom texto, que as professoras gostaram muito, e lhe atribuíram nota dez.

Ana, então, criou em si um desejo muito grande por acumular cada vez mais memórias, queria aprender tudo o que pudesse, do passado, do presente, e se ansiava pelo futuro de mais conhecimento ainda. Um dia, iria passar todo esse conhecimento

adiante: seria professora, ela sabia, e já tinha decidido do quê, estudaria História na faculdade, e se preocuparia em contar as histórias que a os historiadores não quiseram, por algum motivo, contar. Falaria de seu povo e dos ensinamentos que obtivera até ali, faria sua própria escrevivência.

VIII – (re) Descobrimdo o “eu”

Eu sempre fui uma pessoa de fé inabalável. Uma despreocupação com a vida, que me fazia sempre seguir em frente. Na verdade, parando para pensar, eu estava sempre preocupada, sempre ansiosa, sempre esperando a dor. Então eu simplesmente não percebia o quão negativo era o meu pensamento.

Outro dia vi na internet sobre o dilema do sapo. Se você colocar um sapo na água, ele vai se adaptar à temperatura dela e conforme a água vai esquentando, ele não percebe até ser tarde demais, com a água fervendo. Eu não faço ideia se isso é verdade, mas eu era exatamente como esse sábado, constantemente me adaptando a este mundo, ignorando minha pele queimada.

Minha pele, essa sempre foi uma questão para mim. O maior vão do corpo humano, cheia de terminações nervosas, um tecido tão fino, a única barreira de proteção de todos os órgãos que me mantém viva. Por muito tempo eu estive confusa sobre a minha pele. No início, eu me lembro bem, quando criança, eu dizia que tinha pele “cor de café com leite”, e para mim aquilo bastava. Conforme, entretanto, eu fui crescendo e tentando achar o meu lugar no mundo, me vi num vazio. Enquanto algumas pessoas estavam tentando construir suas próprias identidades, descobrindo

seus gostos e desgostos, eu tentava pelo menos descobrir qual o tom da minha pele. Eu era queimada de sol? Eu era encardida, suja? Eu me sentia, na verdade, ninguém, um intermediário entre o nada e o alguma coisa.

Quando eu era criança, lembro que eu esperava poder mudar na hora da adolescência, via que muitas pessoas nesse período. Modificavam bastante seu corpo, sua voz, seu estilo... eu esperava que nessa fase da vida eu pudesse ser diferente do que eu era até então. Via as personagens das novelas e das séries na televisão e via como os cabelos loiros e lisos eram lindos, eu queria ter um igual. Observava todas aquelas modelos e pessoas fazendo propagandas sempre magras, altas e perfeitas, enquanto eu era mais uma menina de cabelo cacheado, que não conhecia o próprio formato dos seus cachos ainda, coloridos de um marrom sem graça, os óculos no rosto e um sobrepeso insistente.

Era tragicamente cômico quando havia, em alguma produção televisiva, uma personagem que antes era feia e passava a ser bonita. Geralmente, no primeiro momento, a personagem sempre ostentava um par de óculos, às vezes, um aparelho dentário e um manequim maior do que os padrões. Na adolescência, era exatamente assim que eu me sentia, sempre esse “antes”, a feia.

Quando eu me fascinei, ainda na escola, por literatura afro-brasileira, percebi ali um caminho de identificação muito forte e,

quando entrei na universidade, e tive maior acesso a informações a respeito de consciência de raça, gênero e classe, finalmente tive adentrei num caminho de autodescoberta e aceitação. Foi nesse período, também, que eu descobri duas palavras muito importantes, ambas criadas por mulheres negras dentro do cenário científico do Brasil: “dororidade” e “afroresiliência”.

Vilma Piedade, pesquisadora do mundo das Letras, fala que existe uma dor que só mulheres negras compartilham em suas vivências, por isso, “sororidade” não era o suficiente para descrever esse sentimento compartilhado. E eu entendi isso, eu senti isso, tinha em mim a experiência da dororidade, e por isso me identifiquei com Agatha na adolescência, com Conceição Evaristo, Maria-Nova, com Ditinha e a própria Vilma Piedade. Ficou evidente para mim, que até mesmo minha pele café-com-leite passou a gritar: eu sou uma mulher negra.

Essa revelação me deixou, em primeiro momento, assustada. A grande verdade é que a maioria das pessoas não querem ser negras, ninguém quer se pôr à margem da sociedade, e completamente fora dos padrões aceitáveis de beleza, não, eu sempre quis ser bonita. Foi necessário ainda mais um tempo para que eu entendesse: eu era bonita, sim, sempre fui, e nunca me permitir saber.

Ah, se eu pudesse voltar no tempo, muitas coisas eu diria para o meu eu-menina. Gostaria de dizer que eu podia sim ver beleza em

mim, e, principalmente na vida. Queria ter entendido essa lição antes da partida do meu tio-quase-pai Joquinha, e ter sido alegre com ele. Depois de sua partida, tentei aos poucos descobrir mais do mundo, conheci pessoas, li muitos livros, tive coragem para acolher Agatha naquele momento, e depois encorajei a mim mesma quando quis também falar por mim, e encontrei nos abraços fraternais dos amigos e da minha família, em especial das mulheres, o abrigo que precisava nos momentos de dor, até que pude seguir novamente em frente.

Foi então que eu notei que não era apenas dor que me cercava, apesar de saber o quão dada ao sofrimento eu poderia ser. Havia, em mim, uma resiliência tão forte que não podia ser só minha, era a resiliência das mãos de minha mãe, cansada de um dia intenso de trabalho, e que mesmo assim trançava o meu cabelo por horas a fio. Era sobre Nanda e seu cuidado com a família, e sobre as histórias da vida, por muitas vezes sofrida, que vó Iva contava para mim e meus primos, histórias de um tempo no qual seu cabelo crespo ainda era escuro, e não tão branco com um algodão limpíssimo. Era a resiliência de Tia Neia, que sabia que era preciso continuar, mesmo depois da perda de seu filho querido.

Esse traço ancestral, que Luciênia Martins chamou de afrorresiliência, parece que já havia nascido conosco. Hoje, consigo ver em mim e nos meus primos, com quem dividi as fases da vida, a

continuação dessa marca: a capacidade de superar as dificuldades da vida e seguir em frente. Não é fácil, ninguém disse que seria, e dói, dói muito, mas é possível. É isso que faz de nós seres tão especiais e únicos: nossas vivências até aqui. A História é sobre exatamente isso, as vivências da humanidade, por isso, neste pequeno livro, deixo para você, cara leitora e caro leitor, um pouco do que vivi até aqui, as histórias que os historiadores provavelmente não irão contar, na espera de que alguma palavra toque em seu coração, assim como as palavras um dia tocaram o meu.

E, caso você esteja curiosa ou curioso, sobre eu ter ou não encontrado o amor, a resposta é: vi-o pela primeira vez quando nasci, nos braços de minha mãe. Estive com ele mais uma vez nas reuniões familiares que seguiam, com os beijos das tias, das avós e nas brincadeiras com os queridos primos Nay, Leo, Luan, Carol, Bella e Carlinhos. Encontrei-o mais uma vez quando conheci Marina ainda no jardim de infância, e ele me visitou na forma dos tantos outros amigos que fiz ao longo da vida. Pensei que ele havia partido junto com Tio Joquinha, mas percebi, depois, que ele sempre esteve por toda parte, menos em mim para mim mesma, e talvez fosse por isso que eu demorei tanto tempo para perceber que ele sempre esteve aqui.

Com amor em mim e por mim mesma, consegui apreciar melhor quão amada eu era. E quando, anos depois, reencontrei com

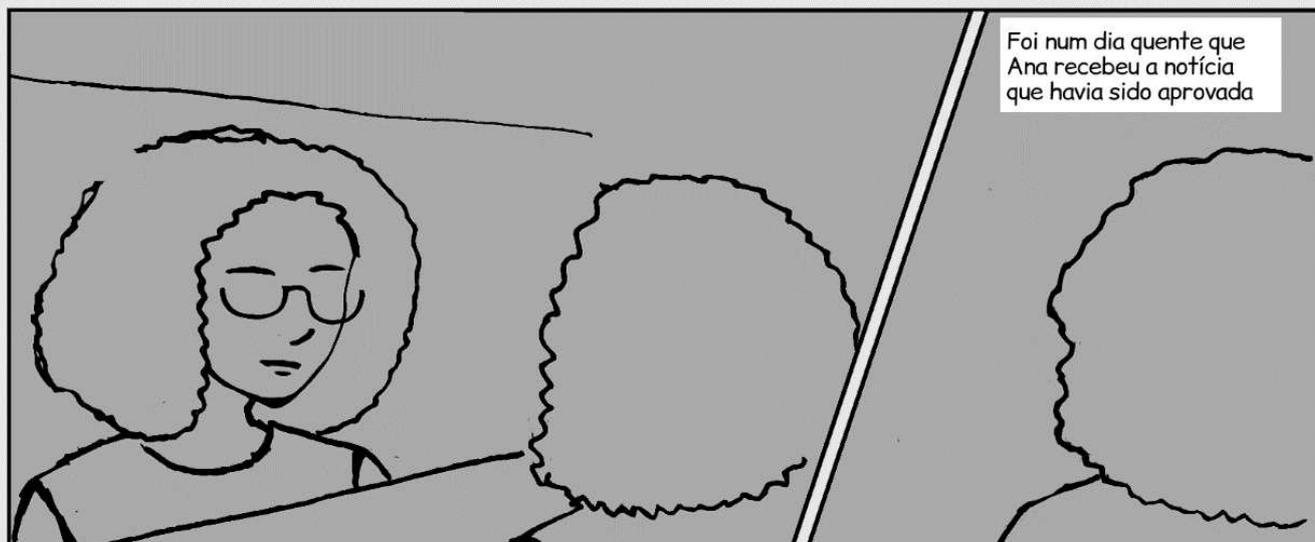
um rosto querido que há muito tempo já havia esquecido, mas que imediatamente me recordei da expressão decepcionada naquele dia no qual eu lhe disse apenas um “não” e saí praticamente correndo, dessa vez, decidi ficar. Fui ficando, até o dia em que ele me perguntou se eu lhe diria “não” mais uma vez.

Pensei brevemente, lembrei de mim mesma e de minhas convicções. “Eu não era feita para o amor”, eu pensava, “era feita para a dor”. Podia, de fato, ter sido forjada a ferro e fogo pela dor, porém...

Eu era feita de amor. E é sempre tempo de amar.

UM ENCONTRO INUSITADO

(vá para a última página do documento e inicie a leitura da direita para a esquerda)



Foi num dia quente que Ana recebeu a notícia que havia sido aprovada



Ela se permitiu pensar na sua trajetória até aquele momento. Incerta sobre o seu futuro, recorreu a olhar para o passado. O que será que seus eus mais antigos achariam do que elas haviam se tornado? Será que sentiriam orgulho dela? Ana gostaria de poder conversar com ela mesma, contar as boas novas...

Sua eu-menina provavelmente nem ligaria, ou até mesmo ficasse decepcionada. Ana queria ser veterinária. Ou engenheira. Ou estilista. Ou arquiteta. O que significava um doutorado em História, afinal?

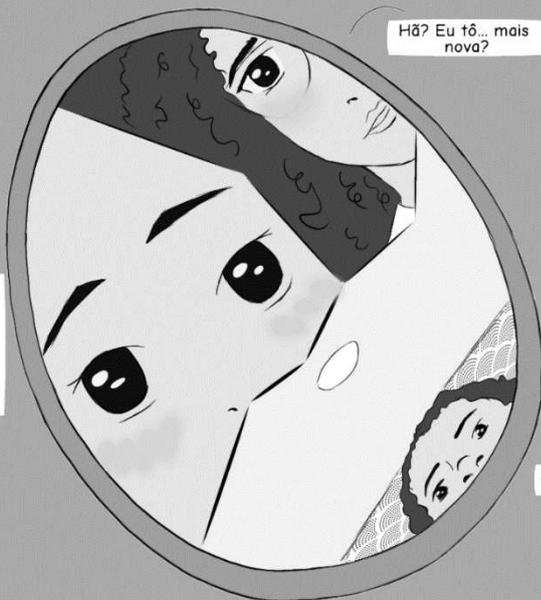


Sua eu-adolescente, de apenas alguns anos atrás, talvez não acreditaria que pudesse conquistar qualquer coisa. Na verdade, Ana tinha um certo receio de descobrir o que ela diria. Queria orgulhar especialmente essa versão de si, que foi para ela a sua fase mais difícil.

Ela lembrava que naquela época em específico, a adolescência, ela costumava se sentir quebrada...



... tão quebrada quanto aquele espelho que deixara cair no chão, certa vez.



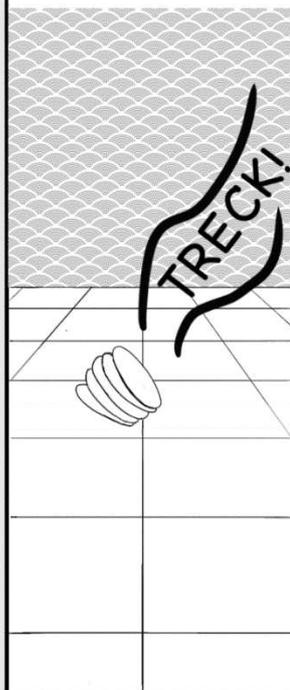
Hã? Eu tô... mais nova?

Ô MÃE! TEM DUAS MULHERES DENTRO DO MEU ESPELHO!!

quem são vocês?

... o que significava quando surgissem do espelho quebrado mais duas versões de si mesma?

Se quebrar um espelho dava sete anos de azar...



Aquilo só podia ser um sonho

...

Que legal! Eu sempre quis saber como eu ficaria mais velha.



Então é tudo um sonho?

Faz sentido...



Eu acho que sim. Eu estava pensando nisso agora mesmo!



E você é a 3

Sim, e ela é a Ana 2

Então... eu sou a Ana 1!

Bom, na verdade, eu não sabia se queria...



... ou se tinha medo.

Mas, se esse é um sonho da Ana 3... por que você nos queria aqui?



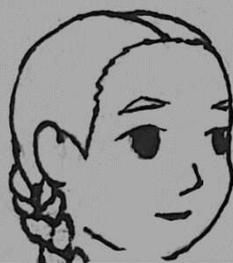
É, sabe, medo de que talvez vocês não se orgulhassem daquilo que nos tornamos.



MEDO?!



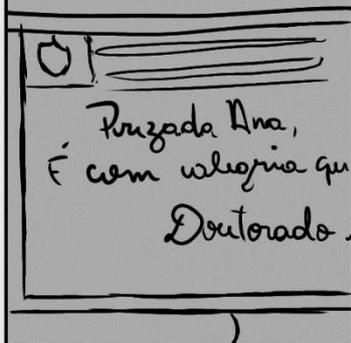
Bom, é verdade, pensei que eu pintaria o cabelo de loiro quando crescesse. Mas pelo menos nós somos veterinárias, né?



Sei que tínhamos muitos sonhos, e que a maioria deles não aconteceu como nós imaginávamos

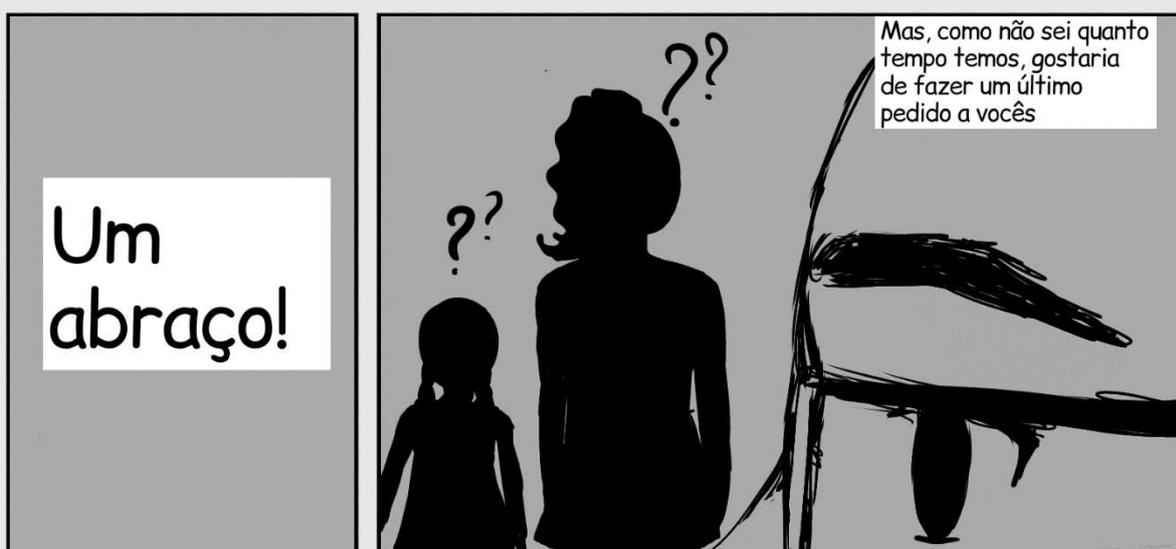
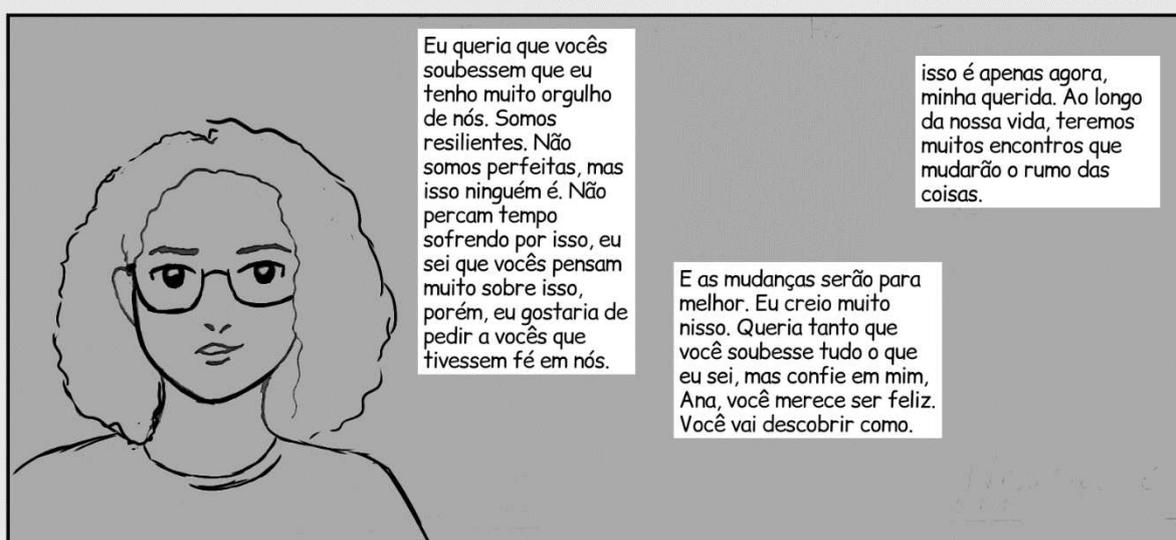


Na verdade... eu queria que vocês soubessem que eu... nós acabamos de ser aprovadas no doutorado.



Ah, eu tinha até esquecido disso HAHAHA! Quem sabe, no futuro, eu não decida mudar o visual... Mas não, não nos tornamos veterinárias.





Ana 2, hoje eu te acho
tão linda... queria que
você soubesse disso

Ana 3, você me
conhece mais do que
eu te conheço, mas
queria dizer:
obrigada por renovar
a minha fé em mim
mesma. Você é
incrível, estou
ansiosa pelo nosso
futuro

Você é tão forte, e ainda vai
descobrir tanta coisa nesse
mundo... não se cobre tanto, e seja
feliz. Atenção aos encontros da
vida... são nossas vivências que
fazem ser quem somos



Aninha, você é uma princesa. Não se esqueça disso, ok? Pode haver um momento na vida em que vamos duvidar disso, mas não deixe que isso aconteça. Você pode ser o que quiser

Ana 3, você é diferente de tudo que eu quero ser. Mas eu gostei, agora eu não quero mais ser que nem as meninas da televisão, eu quero ser que nem você! E eu amei ver o nosso cabelo solto pela primeira vez. Ele é tão lindo

Nós seremos felizes, não é?

Nós já somos felizes, criança, desde quando aprendemos a amar a nós mesmas



FIM.

An(a)tologias

(re)descobrimo o eu



Por: Ana